

Especial



A prisão

Eclly

Juan Neves



O frio intenso da madrugada atormentava a mente de Eclý, que estava abaixada atrás de um grande pinheiro, encolhida em uma tentativa inútil de se esconder ao mesmo tempo de esquentar a si própria e ao seu filho, que não tinha nem dois meses de vida.

- Por favor._ Ela clama em meio aos sussurros enquanto o aninha por dentro de sua capa.- Não chore, não chore.

Não muito distante dali soldados da Luz Sagrada, criados apenas para deter Eclý, buscavam por ela. Sabendo que não podia ficar parada enquanto vasculhavam a floresta a sua busca, Eclý volta a se erguer e andar com cautela em uma tentativa de fugir dali, atravessar a fronteira e se esconder em Arismit, a cidade que a mesma criou.

É claro, que ela poderia ir para lá usando sua magia, ou destruir todo um continente, se assim ela quisesse, mas, a mesma, não queria que acontecesse com o seu filho o que houve com sua mãe, em tempos passados.

Passando em meio aos galhos afiados, sua capa se enrosca em alguns e ela pisa no próprio vestido indo ao chão, tendo tempo de apenas proteger a pequena criança que carregava em seu colo, machucando a sua bochecha. Ela não perdeu tempo se lamentando pela ferida, os passos se aproximavam e ela precisava fugir, se levantou mais um vez e se pôs a correr.

A fronteira era para o lado oposto, mas, Eclý não poderia arriscar se encontrar com qualquer soldado, ela não lançaria nenhum feitiço. Eclý parou de correr quando chegou à beira de um precipício. Ela cogitou saltar dali, pensou que o campo de margaridas logo abaixo poderia causar poucos danos, mas, ela não fez, não iria expor o seu menininho a isso.

- Não há lugar para fugir, Eclý!_ O general Andrew diz saindo de trás de suas tropas.

Ela ergueu o queixo, não mostrando vulnerabilidade, se fosse para morrer, que fosse com a imagem que construiu durante os séculos de vida.

- Andrew, quando tempo.

- Acredito que esteja arrependida por ter me deixado viver.

- Oh, jamais, fico feliz que o meu irmão subiu você de cargo.

- Vamos parar de papo furado, Eclý._ Ele estendeu a mão, mas ela sabia que aquilo não era um acordo de paz.

- Irei fugir, vocês nunca mais me verão._ Sua voz saiu como uma súplica, e ela odiou isso.

Abraçou com mais força o seu filho e recuou um passo, quase caindo do precipício, quando Andrew avançou um.

- Você sabe que a fuga não combina com o seu ego.

- Não irei mais atormenta ninguém, nunca mais escutarão o meu nome.

- A sua existência já é um tormento por si só.

- Isso feriu meus sentimentos.

- Bem, essa era a intenção.

- Sabe que posso destruir toda essa floresta sem nem mesmo usar um feitiço, não sabe?

- Sei sim, já a vi fazendo isso._ E ele tinha visto mesmo, Andrew sabia como Ecly podia ser implacável quando queria.- Mas não vai, não te restou nada, para que lutar?

- Me restou sim!_ Até aquele momento, ninguém sabia que Ecly tinha dito um filho com o príncipe do inferno, era um perigo ela revelar aquilo, mas ela não tinha como escapar daquilo.

Então, ela fez o que qualquer mãe faria naquela situação, ou talvez não, talvez uma mãe pularia daquele precipício, destruiria toda aquela floresta, mataria um por um, mas ela, mostrou o menino que agora a olhava com total atenção.

- Você..._ A voz de Andrew demonstrou surpresa.- Você e Shaya tiveram uma criança?

- Me deixe ir, eu imploro.

- Sabe que eu não posso.

- Estou implorando.

- Não deixarei machucarem seu filho, como sei, que você não deixaria fazerem com o meu.

- Sua palavra não vale nada para mim.

- Me perdoe Ecly, não arriscarei minha vida pela sua.

Andrew tirou o menino que carregará os cabelos pretos e grossos de Ecly e os olhos azuis de Shaya. Os soldados logo agarraram os seus braços a arrastando para o coração de Amisteng novamente.



Não havia vidraças nas janelas das torres, apenas duas barras finas de ferro, o frio daquela manhã cinza e nebulosa faziam que o corpo de Eclý tremiam, ela que estava acorrentada.

Ela sabia que a palavra de Andrew não valia nada, mas, ela se viu tendo um pouco de esperança, cogitando a ideia que ele iria interceder em seu nome e protegeria seu filho do mal que Edy poderia fazer contra o pequeno.

Mas logo todos os questionamentos dela seriam respondidos, já que, seu irmão acabará de entrar carregando uma espada. A lâmina que um dia pertenceu a sua mãe.

- Veio você mesmo me matar?

- Oh não, não irei dar o gostinho de você morrer em sigilo longe dos olhares dos povos.

- Então, veio se gabar que enfim me capturou?

- Claro que não, vim dar os parabéns._ Ele se abaixou ficando diante a irmã mais nova.- Você deve uma bela cria com aquele ser repugnante.

- Agradeço aos parabéns, onde está o meu filho?

- Você o chama de filho, que lindo de sua parte._ Ele segura o rosto de Eclý com firmeza.- Não era para aquela criança ter visto a luz do dia.

- Não faça o meu filho pagar pelos meus pecados.

- Oras essas, não é isso que dizem?_ Ele volta a se ergue ficando de costa para sua irmã.- Os filhos vieram para pagar o mal dos pais.

- Suponho que a sua sofrerá muito nessa vida.

- Ah não, eu sou a pessoa boa aqui._ Ele volta a se virar.- Você quem é a vilã, você quem matou milhares de soldados, apenas para usar magia obscura e ficar de caso com um demônio, você, Eclý, foi você quem matou a nossa mãe.

- Eu não a ma..._ Ela deixa a frase morrer em sua garganta, é inútil tentar se defender.- Edy, cadê o meu filho?

- Fique tranquila, eu o poupei de pagar pelos seus pecados profanos e imundos.

- O que fez com ele?_ Seus olhos ardiem com a possibilidade daquela confirmação.

- Eu o livre do sofrimento que ser o seu filho o traía, tirei ele desse mundo._ Ele sorri.- Ele era um bebê chorão, você sabe, não pode ficar com um bebê no colo por muito tempo se não ele se acostuma, mas, o choro cessou._ Ele ergue a espada e passa o indicador na lâmina.- Quando eu enfiei a espada que você usou para matar a minha mãe, em seu pequeno coração.

Ecly gritou, um grito de dor e angústia, um grito suficiente para quebrar sete barreiras de invisibilidade que permitia que os seres comuns não visse Amisteng no alto do oceano, com isso, a cidade mágica que seu irmão criou, quase caiu da levitação.

Em um ato inesperado ela se ergue do chão gelado e investiu contra o irmão em uma tentativa falha de reater aquela lâmina que um dia fora prometida.

- Opa!_ O Grande Mago a empurro para o chão.- Você não irá morrer agora, irá sentir o gosto do próprio veneno.

Com essa informação, ele deixou a torre e só então, Ecly se permitiu sentir o luto de perder o amado a poucos meses atrás e agora, o seu pequeno filho, não havia mais nada nessa terra para que ela pudesse lutar, ninguém. Para proteger, Ecly tinha morrido antes mesmo de ir a julgamento.



Já se passava do meio dia, mas o sol não fazia questão de aparecer. Eclý não se importou com a brutalidade que os soldados a levaram até o Templo, subindo até o último andar. Em uma sala redondo rodeada de cristais.

Havia poucas pessoas ali presente, mas os olhos da feiticeira se grudou em uma criança. Abraçada a perna da mãe, cabelos loiros e olhos azuis, o nariz lembrava o de pai de Eclý, ela desejou naquele momento que ela criança inocente tivesse uma morte tão cruel e dolorosa que a de seu filho, que ela fosse torturada antes de sua morte, que seus ossos fosse quebrados um por um.

- Filha mais nova de Kirby e Alex Norfh, irmã do Grande Mago, traidora de sua nação, Eclý Norfh condenada pela morte de três exércitos de soldados da Luz Sagrada, pela morte de sua mãe, Kirby Norfh, pelo uso de magia obscura e pela criação da cidade amaldiçoada, Arismith.

Eclý foi até o pequeno altar com o queixo erguido, com as lágrimas secas em seu rosto e seus olhos inchados e vermelhos, aquele era o seu fim, assim ela pensava.

Andrew que a anunciará, estava ao lado direito de seu irmão.

- Eclý, por gentileza, apresente a sua defesa.

- Não tenho nenhuma defesa, sou condenada por atitudes que tomei, mas digo, não matei ninguém que não tenha tentado me matar antes, tenho apenas duas perguntas.

Andrew perguntará de uma maneira silenciosa a Edy se permitirá aquilo, com um leve aceno de cabeça ele aceita a proposta de sua irmã.

- Pode perguntar.

- Se eu fosse morta o soldado que conseguiria esse tal ato, estaria no meu lugar?

- Claro que não._ Edy diz.- Ele não teria matado a própria mãe, e não teria recorrido a forças obscuras para trair a sua própria família.

Com um leve aceno de cabeça ela aceita a resposta de seu irmão.

- E qual é a próxima pergunta?

- Confesso que posso ter feito mal a diversas famílias, mas, qual mal meu filho fez para morrer?

Os burburinho cresceu demonstrando a surpresa de todos naquele recinto.

- Que filho? Você por acaso deve alguma criança?_ Edy diz com uma falsa verdade em sua voz.

- Seu filho, está vivo e em segurança._ Andrew a garantiu.

- Eu não confio em sua palavra, não serei a única a sofrer, todos temos que pagar pelos nossos pecados.

- Chega!_ Edy bateu na mesa.- Da o vertido general.

- Ecly Norfh, você não morrerá, será presa na prisão que você mesma criou._ Nem por um instante Ecly estremeceu ou mostrou medo por aquilo.- Você será cristalizada.

Soldados a levaram até o meio do recinto onde foi colocado um altar com o seu nome gravada e a sua condenação, Andrew a ajudou a subir.

- Me perdoe por isso Ecly, sei que devo a minha vida a você.

- Não sei se o meu filho morreu, mas caso, sua palavra seja verdade, cuide dele e assim você estará pagando pela sua dívida.

- Obrigado.

- Eu quem agradeço.

O seu irmão recitou o feitiço obscuro que a caçula criou, seu corpo ficou preso dentro de um cristal, enquanto a sua alma foi levada para um lugar sóbrio, árido e estéril, com rochas afiadas e somente a noite residia ali, o solo era seco com a grama morta os esqueletos das árvores machucava qualquer um que passava por ali, ela estava presa em uma prisão eterna, um abismo sem um fim, apenas com a sensação de dor, desespero, horror, agonia, sofrimento e lamentos.

Anos e anos se passaram e Ecly deve que se esconder de outras almas perturbadas que foram enviadas até ali, mas foi um jovem que chamou sua atenção, ela o guiou e juntos descobriram uma maneira de sair dali, com a experiência de uma Norfh e a magia de um Cliford o mundo mágico com toda a certeza estava preste a cair, se não fosse pelo coração fraco do rapaz por um Blossom.